

VULNERABILIDADES EM SAÚDE E GRUPOS MINORITÁRIOS: POPULAÇÃO
LGBTQIAP+, POPULAÇÃO PRIVADA DE LIBERDADE E POPULAÇÃO EM
SITUAÇÃO DE RUA

**VULNERABILIDADES DA SAÚDE DA MULHER PRIVADA DE
LIBERDADE**

Kaline Silva Meneses[1]

Simone Santos Souza[2]

Eudes José Braga Júnior[3]

João Eduardo Gomes de Oliveira[4]

No Brasil o crescimento da população feminina carcerária se dá de forma mais acelerada do que a masculina, aumentando assim o risco para a transmissão de doenças. Dessa forma, as condições do confinamento representam um fator determinante das condições de saúde. Diante deste contexto, em 2014 foi promulgada a Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE) para garantir a humanização da assistência e dar acessibilidade a alguns direitos básicos a essas mulheres, embora alguns estudos demonstrem que a realidade é um pouco diferente. Este trabalho então tem como objetivo de identificar as principais vulnerabilidades que interferem na saúde da mulher privada de liberdade. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados da BVS e Pubmed, entre 2012 a 2022. Foram cruzados os descritores “população privada de liberdade”, “saúde da mulher” e “vulnerabilidades”, incluindo artigos em português e inglês, que respondessem a questão de pesquisa e excluindo os artigos duplicados, teses, dissertações e carta ao leitor. Utilizando essa estratégia de pesquisa foram encontrados 60 artigos, após aplicar os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 3 artigos para compor a pesquisa. Após análises das pesquisas ficou evidente a partir do depoimentos das mulheres privada de liberdade, que após o isolamento elas referiram um aumento ou perda de

[1]Discente do 9º período do curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitária Dom Pedro II. Email: kalinesilvameneses@hotmail.com

[2]Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do curso de Graduação de Enfermagem do Centro Universitário Dom Pedro II. Email: simonessouza18@hotmail.com

[3]Discente do 5º período do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Pará. Pesquisador Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Email: eudes.jjunior@aluno.uepa.br

[4]Nutricionista. Mestrando em ciência e tecnologia de alimentos pela Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc. Email: joaoeduardogo@gmail.com

peso pela alimentação precária, uso do cigarro, assim como o desenvolvimento de comorbidades como hipertensão, diabetes, problemas cardíacos, patologias respiratórias, depressão e queixas alérgicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis como sífilis, HIV/AIDS, também foi constatado que nenhuma mulher referiu ter feito exame ginecológico ou de mamografia em 2014 em determinado sistema prisional. Notou-se também a escassez da oferta de serviços visando a educação e lazer que atuam promovendo a saúde no ambiente de isolamento. Tendo em vista os aspectos mencionados é notória a situação precária de saúde das mulheres privadas de liberdade, evidenciando a necessidade de reforçar pontos já existentes na PNAMPE por meio de ações de saúde com a finalidade de promover uma assistência de qualidade, assim como o incentivo a pesquisas para poder identificar os problemas de saúde na população carcerária feminina que mais afligem cada região do país.

Referências:

ARAÚJO, M. M.; et al. Assistência à saúde de mulheres encarceradas: análise com base na Teoria das Necessidades Humanas Básicas. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ean/v24n3/1414-8145-ean-24-3-e20190303.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2022.

SANTOS, M. V.; et al. A saúde física de mulheres privadas de liberdade em uma penitenciária do estado do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Z7tkcTpjNKBnS8YsHj4YWrh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 Jan. 2022.

SCHULTZ, Á. L. V.; DIAS, M. T. G; DOTTA, R. M.. Mulheres privadas de liberdade no sistema prisional: interface entre saúde mental, serviços sociais e vulnerabilidade. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 1-15, jul.-dez. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/36887/26505>. Acesso em: 20 Jan. 2022.

[1]Discente do 9º período do curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitária Dom Pedro II. Email: kalinesilvameneses@hotmail.com

[2]Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do curso de Graduação de Enfermagem do Centro Universitário Dom Pedro II. Email: simonessouza18@hotmail.com

[3]Discente do 5º período do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Pará. Pesquisador Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Email: eudes.jjunior@aluno.uepa.br

[4]Nutricionista. Mestrando em ciência e tecnologia de alimentos pela Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc. Email: joaoeduardogo@gmail.com